

## UM ESTUDO DESCRITIVO DOS DEMONSTRATIVOS E OUTROS DÊITICOS EM MURILO RUBIÃO

Caroline Feitosa de Sousa (UERJ)  
[caroline-feitosa@hotmail.com](mailto:caroline-feitosa@hotmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho pretendeu estudar os papéis sintáticos e semânticos dos demonstrativos e de outras classes gramaticais na função dêitica em corpus selecionado da obra de Murilo Rubião – no conto “A cidade”. Para melhor observar o comportamento dos dêiticos na linguagem literária, comparamos e percorremos historicamente as definições e as visões sobre os demonstrativos de modo sucinto: em Claudio Brandão e na sua *Sintaxe Clássica Portuguesa*, em Celso Cunha e na sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, em José Carlos de Azeredo e na sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. Em seguida, trouxemos à discussão a visão da Pragmática e da Linguística Textual sobre os demonstrativos e outras classes no seu papel dêitico. Obtivemos algumas reflexões e hipóteses em relação à Literatura fantástica de Murilo Rubião e, principalmente, em relação aos sentidos suscitados pelos dêiticos.

### Palavras-chave:

Demonstrativos. Murilo Rubião. Papeis dos dêiticos.

### 1. Introdução

Este trabalho, a princípio, se propõe a estudar os papéis sintáticos e semânticos dos demonstrativos e de outras classes gramaticais na função dêitica em *corpus* selecionado da obra de Murilo Rubião – no conto “A cidade”.

A escolha do conto “A cidade” também se deu em função do conteúdo temático – uma personagem que chega a uma cidade desconhecida e cria conflitos sem saber as reais razões deles. Desconfiávamos que, nas obras da Literatura fantástica, os demonstrativos e expressões adverbiais nos levam para lugares insólitos; eles apontam para referências exofóricas no tempo e no espaço ou apresentam relações vagas de referência. O conto em destaque apresentava quantidade razoável do objeto de análise e foi comum as personagens se referirem a pontos no tempo e no espaço que geraram dúvida ou sensação de incerteza no leitor. Ou ainda, é comum, neste texto do Rubião, existir um tempo linguístico específico, gerando lugares também específicos no tempo e no espaço. Os dêiticos poderiam ser alguns dos elementos textuais que fazem transparecer essa característica.

Para melhor observar o comportamento dos dêiticos na língua literária, pretendemos inicialmente comparar e percorrer historicamente as definições e as visões sobre os demonstrativos de modo sucintoem: Claudio Brandão e na sua *Sintaxe Clássica Portuguesa*, em Celso Cunha e na sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, em José Carlos de Azeredo e na sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. Em seguida, trazer à discussão a visão da Pragmática e da Linguística Textual sobre os dêiticos. Assim, percorremos os estudos dos dêiticos a partir da visão de Gustavo Adolfo da Silva, que nos trouxe os conceitos de dêiticos de Lyons, Bühler, Kerbrat-Orecchioni, Maingueneau, Benveniste e Marcuschi. Não foi nosso objetivo adentrar o denso terreno de cada teórico, mas sim apresentar, de forma geral, pontos de convergência sobre o tema e trazer detalhes que compusessem um corpo teórico mínimo para enriquecer nosso entendimento sobre o fenômeno estudado.

Examinaremos, então, como as relações dêiticas ajudam a construir os sentidos do insólito, como nossa primeira hipótese, no “espaço-tempo físico-social-cronológico de comunicação” (AZEREDO, 2010, p. 248) na Literatura de Murilo Rubião.

## **2. Os demonstrativos e a relação dêitica**

Cláudio Brandão, em sua *Sintaxe Clássica Portuguesa*, analisa os demonstrativos dividindo o capítulo a respeito do tema em duas partes: a função dêitica e a anafórica. Brandão afirma que a função dêitica é a primordial dos demonstrativos, uma vez que o papel principal dos demonstrativos é justamente mostrar a proximidade e a distância, a posição de um pronome e sua relação com a pessoa gramatical correspondente, no tempo e no espaço. Isto é, o demonstrativo *este* exprime, de um modo geral, o que está perto da 1ª pessoa; o *esse* indica o que está próximo da 2ª pessoa, e o *aquele* se aplica ao que está distante tanto da 1ª quanto da 2ª pessoa.

O autor ainda descreve mais duas situações em que o dêitico espacial é usado. Na primeira, usa-se *este* quando se fala sobre algo que está próximo de nós ou da pessoa a quem nos dirigimos, e *esse* para designar coisas um pouco mais distantes de nós, porém sem se referir ao nosso interlocutor ou leitor. A segunda explicação orienta-nos no sentido de que devemos usar *este* para exprimirmos o que fazemos, pensamos ou dizemos, e usar *esse* para nos referirmos ao que o nosso interlocutor faz, diz ou pensa.

Notamos, a seguir, a função dêitica dos demonstrativos nos exemplos de Cláudio Brandão:

- (a) “*Esta* ilha pequena que habitamos/ É em toda *esta* terra certa escala ...” (Lus, I, 54).
- (b) “Inspira imortal canto e voz divina/ *nesto* peito mortal que tanto te ama” (Id., III, 1)

A tabela dos demonstrativos de Brandão contempla os usuais *este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo* e inclui *o, a, o mesmo; tal*. A Gramática de Celso Cunha, como veremos a seguir, considera *o, a, mesmo, tal, próprio e semelhante* como substitutos dos demonstrativos e não demonstrativos propriamente ditos.

As gramáticas contemporâneas exploram visão parecida com a de Brandão. Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha, a função dêitica desponta logo no início do capítulo sobre Demonstrativos. Celso Cunha descreve a função dos pronomes demonstrativos da seguinte forma: “situam a pessoa ou coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço e no tempo”. Logo depois, no mesmo item 1, observa-se a explicação: “a capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada função dêitica, é que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes” (CUNHA, 2001, p. 328). O exemplo que o gramático utiliza para demonstrar a função dêitica é:

- (c) “Lia coisas incríveis para *aquele* lugar e *aquele* tempo.” (C. dos Anjos, DR, 105).

Neste mesmo capítulo, Celso Cunha lista alguns dos empregos usuais ou particulares dos demonstrativos. Destacaremos alguns:

- (d) A atitude de desinteresse para estimular a coisa a ir para longe. Ex.: “– Tire *esse* bandido da minha frente”
- (e) Nisto equivalendo a “nesse momento”, “então”. Ex.: “*Nisto*, ouvimos vozes e passos”. Escritores modernos empregam nisso com esse mesmo valor: ex.: “*Nisso*, a orquestra (...) atacou “parabéns pra você”.
- (f) O, a como substitutos de demonstrativos (Cláudio Brandão refere-se ao mesmo fenômeno sintático, o pronome que introduz uma relativa). Ex.: O homem que ri, liberta-se. *O* que faz rir, esconde-se.

Ele acrescenta o comentário a seguir à observação do exemplo (f): quando equivale a *isto, isso, aquilo* e exerce função de OD ou predicativo, referindo-se a um substantivo ou um adjetivo.

José Carlos Azeredo, na *Gramática Houaiss*, em um item nomeado *Determinação dêitica e remissiva: os demonstrativos*, no capítulo *O Sin-*

*tagma Nominal*, trata especialmente das funções sintáticas dos demonstrativos, mas antes relembra o conceito dos pronomes demonstrativos: são aqueles que “servem para localizar, em relação às pessoas do discurso, os objetos (seres, coisas e noções) que entram no conteúdo de nossos enunciados” (AZEREDO, 2010, p. 248). A localização realizada pelos demonstrativos se dá de duas formas: a dêitica, no contexto do espaço-tempo físico-social-cronológico de comunicação, e a anafórica ou remissiva, na própria construção do texto. Quando enunciador e destinatário compartilham o instante e o espaço da enunciação, é provável, segundo o autor, que estejamos diante da função dêitica.

Azeredo, em um capítulo anterior sobre pronomes demonstrativos, descreve a noção de âmbito, bastante apropriada para ajudar a entender a função dêitica: os demonstrativos situam os objetos em relação às pessoas do discurso e “as pessoas do discurso passam a ser unidades referenciais do que chamaremos de âmbitos, em cujos limites o enunciador situa os objetos” (*Idem*, p. 177). Nesse sentido, os pronomes atuam na função dêitica também porque emissor e destinatário compartilham do *âmbito* comum da interlocução dada naquele contexto.

O autor acrescenta em sua tabela dos demonstrativos, além dos usuais, outras combinações próprias da modalidade falada: para a primeira pessoa, este, esta, esse, essa, isto, isso *aqui*; para a segunda pessoa, este, esta, esse, essa, isto, isso *aí*; e para a terceira pessoa, aquele, aquela, aquilo *lá/ali*.

A novidade desse quadro foi equivaler os pronomes de primeira e de segunda pessoa e introduzir os advérbios *aqui*, *aí*, *lá/ali* para o auxílio da localização no tempo-espaço. Essa visão remete-nos aos estudos da dêixis pela Pragmática, que acrescentam os advérbios de lugar e tempo e outras classes com função dêitica.

### **3. A dêixis e as ciências da linguagem**

O olhar mais aprofundado da dêixis começa com a história do conceito de enunciação. Jakobson e Benveniste “propõem a reflexão sobre a enunciação a partir do fenômeno linguístico da dêixis” (LOZANO, 2002, p. 107). Sendo assim, a dêixis remete-nos, obrigatoriamente, nessa visão, à mensagem e às referências intrínsecas ao processo da enunciação. Isto é, notamos que as discussões geradas a respeito do fenômeno da dêixis, a par-

tir daqui, lidam invariavelmente com o processo da enunciação, o momento da comunicação.

A Pragmática esclarece que a dêixis é aquilo que demonstra, aponta, indica. “Os elementos dêíticos têm a função de determinar a relação espaço-temporal na qual o homem se localiza, movimenta-se e define o centro da comunicação” (SILVA, 2005, p. 47).

Quando a dêixis era mais objeto de estudo da Filosofia do que da Linguística, seu sentido ligava-se ao termo *ostensivo* – significava dizer que “o locutor aponta ou destaca algo sobre o qual quer despertar o interesse do seu interlocutor”; baseia-se “na ideia de identificação ou de dirigir a atenção através da indicação” (SILVA, 2005, p. 47).

Bühler determina a dêixis como *eu-aqui- agora*. Através desta tripla referência, é possível estabelecer uma relação entre o indivíduo e sua localização no tempo e no espaço. O trinômio referido por Bühler marca respectivamente: 1) o eu individual, aquele que está no centro das ações e distingue outros *eus* a partir desse centro de individualidade; 2) “o aqui” do espaço momentâneo em que se encontra o interlocutor – essa localidade não é fixa, depende, portanto, do contexto espacial assumido naquele instante pelo *eu*; 3) o agora como o tempo presente do comunicador, o momento do ato de fala, é o marco referencial de tempo nesse caso no discurso.

Em outras palavras, os elementos textuais: os pronomes pessoais, os demonstrativos, os advérbios de tempo e lugar e até os tempos verbais podem ser dêíticos em um discurso. Portanto, além dos demonstrativos, dêíticos puros, as ciências da linguagem estabeleceram novos representantes para as ações dêíticas.

Kerbrat-Orecchioni define os dêíticos como “unidades linguísticas cujo funcionamento semântico referencial (seleção na codificação, interpretação na decodificação) implica levar em consideração certos elementos constitutivos da situação de comunicação”; são eles: “1) papel que tem no processo da enunciação os actantes do enunciado, 2) situação espaço-temporal do enunciador e, eventualmente, do enunciatário” (Silva, 2005, p. 49).

No referido sistema, o “eu” e os pronomes pessoais constituem o ponto de partida que ancora a subjetividade na linguagem. Em volta dos pronomes pessoais, os outros indicadores dêíticos se organizam. Todos atuam em um conjunto tempo-espaço com a instância da enunciação em que o

discurso é produzido.

#### 4. A dêixis temporal

Os dêiticos temporais têm como ponto de partida o tempo especificamente linguístico, isto é, o momento em que se fala. Essa é uma cadeia infinita. Instaura-se o *agora* no discurso a cada ato de fala. Dessa forma, o enunciador enuncia sempre um novo tempo.

Há dois modos de perceber a ordenação do tempo em um texto: os tempos são indicados pelos eventos anteriores, posteriores ou contemporâneos ao momento da fala ou em relação a um marco temporal definido pelo texto (verificaremos a seguir). Ou seja, o momento da fala é o marco referencial do tempo presente. Isso ocorre, inclusive, com os advérbios e expressões temporais. Veja-se o quadro de advérbios e expressões temporais que Silva (2005) nos apresenta:

1) Em relação ao momento de fala:

<b>Anterior</b>	<b>Concomitante</b>	<b>Posterior</b>
há pouco	agora	daqui a pouco/logo
ontem	hoje	amanhã
há um mês	neste momento	dentro de um mês

2) Em relação a um marco temporal pretérito ou futuro:

<b>Anterior</b>	<b>Concomitante</b>	<b>Posterior</b>
Na véspera	então	no dia seguinte
Na antevéspera	no mesmo dia	daí uns dias

Maingueneau (1996 *apud* Silva, 2005, p.52) difere as indicações de localização absolutas (ex.: em 2012, em 14 de agosto de 2017) ou termos autodeterminados das que se alocam em uma referência no texto e dependem de interpretação (*daqui a pouco* estarei em casa). Nesta última, é que reside a qualidade dêitica. É nesta que o narrador delinea o discurso a partir do presente da enunciação. Observemos o exemplo de Murilo Rubião (2010):

- Então é você mesmo. Como é possível uma pessoa ir a uma cidade desconhecida sem nenhum objetivo? A menos que seja um turista.
- Não sou turista e quero saber onde estou.
- Isso não lhe podemos revelar **agora**. Poderia prejudicar as investigações.

A expressão *agora* é dêitica, pois considera o presente da enunciação na fala momentânea da personagem, isto é, a expressão adverbial tem

validade nesse discurso especificamente.

Para Maingueneau, os advérbios de tempo podem se articular em um sistema *enunciativo* ou *enuncivo*. O primeiro fixa-se em um momento de referência presente, à mercê do momento da enunciação, já o segundo fixa-se em torno de um momento de referência arrolado pelo enunciado.

Observe-se o contexto:

Eu tinha ido vê-la na véspera pela primeira vez; à meia-noite, quando fui chamá-la na casa do zelador do teatro, entregaram-me este bilhete. E no dia seguinte? Foi no dia seguinte que na casa do zelador que ela me mandou passar. (SILVA, p.54 *apud* DUJARDIN, 1989, cap. V)

Os advérbios de tempo que representam esse discurso não somam marcas dêiticas, porque a personagem associa fatos passados sobre outros fatos passados, ela não diz a partir do presente da enunciação (caso contrário, enunciaria ontem e amanhã).

## 5. A dêixis espacial

Na dêixis espacial, o espaço linguístico organiza-se a partir do *aqui* e do *eu*: os objetos estão situados ao redor do enunciador, a partir da relação com ele (à minha esquerda, à minha direita, etc.). Acompanhando o pensamento de Maingueneau, há essa localização relativa (ao enunciador) e também uma localização absoluta (no Maranhão, nos Estados Unidos) ou, ainda, uma localização contextual, que se calca em algum elemento no contexto linguístico (perto do Maranhão, abaixo dos Estados Unidos, etc.).

Assim como os dêiticos temporais que indicam sempre novo tempo de enunciação, os espaciais são imprescindíveis para organizar o discurso, pois não se pode dizer ou escrever apenas com referências universais. Dessa maneira, demonstrativos e advérbios são os principais dêiticos que auxiliam na localização espacial contextual.

Os demonstrativos vêm sendo descritos pelas gramáticas por um sistema tricotômico (este, esse e aquele), mas, como observa José Carlos Azevedo, esse sistema se condensou em dicotômico (este/esse e aquele). Na fala e até na escrita nos deparamos com a neutralização das localizações espaciais de primeira e de segunda pessoa.

Já os advérbios de lugar podem ser enunciativos ou enuncivos. Os primeiros se dividem em um sistema tricotômico (aqui, aí, ali) e dicotômico

(cá e lá). *Aqui* e *aí* marcam o espaço da cena enunciativa e correspondem ao *eu* e ao *tu* respectivamente. *Ali* está fora da cena enunciativa e corresponde ao *ele*. No sistema dicotômico, *cá* marca o espaço enunciativo e *lá* marca o espaço fora da enunciação. Os advérbios enuncivos se apresentam como *algures*, *alhures* e *nenhures*, e podem ser expressos pelos adjuntos *em algum lugar*, *em outro lugar*, *em nenhum lugar*.

O espaço linguístico que estamos tratando aqui se refere ao espaço da cena enunciativa. O narrador e o eu lírico criam espaços onde as personagens se movimentam. Esse espaço é instaurado pelo narrador ou a partir de um lugar no interior de um texto. Silva nos traz um exemplo de Casimiro de Abreu: “Eu nasci além dos mares:/ Os meus lares,/ Meus amores ficam lá!/ onde canta nos retiros/ Seus suspiros,/ Suspiros o sabiá!” Lembramos também do *Canto de regresso à Pátria*, de Oswald de Andrade (1971): “Minha terra tem palmares/ Onde gorjeia o mar/ Os passarinhos daqui/ Não cantam como os de lá.” Os espaços são pontos organizados a partir do que falam os eus líricos nos poemas – *lá* está em oposição a *aqui*.

Mas, quando os espaços são constituídos a partir de um ponto marcado no interior do texto, estamos diante de um *espaço enuncivo*. Observemos em Mário de Andrade: “No fundo do mato-*virgem* nasceu Macunaíma, herói de nossa gente.” O adjunto adverbial é um ponto marcado no texto, construído pelo narrador.

## 6. A *dêixis* discursiva

É comum vermos estudos preocupados com a diferenciação entre a *dêixis* discursiva ou textual e a anáfora, pois nos deparamos constantemente com o problema de delimitação conceitual de ambas. Também é comum notarmos suas semelhanças, é praticamente impossível não descrever a anáfora nesse tipo de análise. Este trabalho, porém, fará um esforço para não entrar na referida discussão, devido ao nosso objetivo descritivo. A ideia foi remontarmos aos conceitos sobre *dêixis* mais comuns no universo da Linguística para termos um aparato teórico no desenrolar descritivo.

Nesse sentido, a *dêixis* discursiva encampa muitos dos sentidos dos outros tipos de *dêixis*: os pessoais, os temporais e os espaciais. Ehlich, estudioso do assunto, nos esclarece que a *dêixis* discursiva aponta sistematicamente para algo não pontualmente identificável, isto é, volta-se para “atividades de compreensão, orientando o foco de observação e atenção do

leitor”. A diferença da dêixis discursiva para as demais dêixis está nos *campos de mostra*ção e nos *espaços mostrativos*. “Tais espaços são eminentemente cognitivos e textuais e não se instituem como contextos situacionais” (SILVA, 2005, p. 61).

A dêixis textual é representada por formas neutras, demonstrativos, advérbios ou expressões adverbiais. Sua intenção é organizar e orientar o foco do interlocutor. Diferentemente da anáfora, responsável por uma relação de referenciação, a dêixis leva o olhar do leitor/ouvinte para certa porção do discurso, isto é, focaliza a atenção a essa porção do discurso. Em um enunciado, ela se refere a uma parte anterior ou posterior do discurso. Observemos o exemplo:

Do ponto de vista econômico, há aspectos positivos a serem retirados de uma área onde o sol é abundante e onde a tecnologia poderá transformá-la numa referência de produtividade no setor primário, com a possibilidade de múltiplas safras anuais de frutos tropicais, por exemplo, com a irrigação, o que reforçará de uma forma espantosa as exportações brasileiras. **Esse privilégio natural** nos dá vantagem em relação a uma região do porte da Califórnia americana. (Jo Ed1, editorial)<sup>174</sup>

O dêitico grifado não cumpre apenas a função de referência lexical, por exemplo, mas aponta para uma parte do discurso em que se descrevem características climáticas e outras a respeito do plantio de frutos tropicais. Ele também exige do leitor uma espécie de localização cognitiva e textual ao mesmo tempo: o dêitico resumitivo refere-se a uma porção anterior do discurso e introduz um novo ponto de vista, “privilégio natural”, sobre o tema.

Nos estudos de Cavalcante (2000), “dois critérios são atribuídos à caracterização dos dêiticos discursivos: a referência a porções difusas do discurso e a consideração do posicionamento do falante na situação enunciativa”. No exemplo acima, o dêitico reúne essas partes difusas em uma expressão adverbial, ao mesmo tempo em que considera a posição do falante no discurso.

Outro critério mencionado em Cavalcante para se detectar a dêixis discursiva é a metalinguagem ou, segundo expressão de Marcuschi (1998), “a função metacognitiva” dos dêiticos textuais. Exemplificando: Na última

---

<sup>174</sup> Exemplo retirado de <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci183.htm> em 06/08/2017.

frase emblemática de *Memórias póstumas*, Machado deixa ao mundo um recado pessimista (esse trecho refere-se à frase “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”).

Com exceção da dêixis discursiva, que nos exige análise mais aprofundada para não cairmos na ambiguidade conceitual, no geral, para as ciências linguísticas, a dêixis aponta para um referente que está fora do discurso, estabelecendo, assim, uma relação exofórica na situação de comunicação. Ela utiliza o referente espaço-tempo-contexto-discurso do enunciatador para arrolar outros novos discursos, e, assim sucessivamente, sempre sair desse ponto de partida: o *eu-aqui-agora*.

## 7. Análise de “A cidade”

Dividiremos esta análise de acordo com a ordem teórica estabelecida na primeira parte deste trabalho. Portanto, analisaremos as ocorrências primeiramente de acordo com a tradição gramatical; em seguida, de acordo com a ordem proposta sobre os conceitos da Pragmática no corpo teórico: dêixis temporal, espacial e textual. E, ainda, para facilitar a menção dos casos descritos neste trabalho e evitar a repetição metalinguística, nomearemos os grupos de exemplos como A, B, C, etc.

No corpo teórico, trouxemos a visão da Gramática mais clássica e originária do principal papel dos demonstrativos – o de justamente mostrar a proximidade e a distância, a posição de um pronome e sua relação com a pessoa gramatical correspondente, no tempo e no espaço. Essa função, de certa maneira, já se cumpre ao observar o funcionamento morfológico e o comportamento sintático natural dos demonstrativos – os demonstrativos são puramente dêiticos, como as gramáticas trazem de maneira geral.

Portanto, as ocorrências *naquele, aquele, esta, este, nesta, neste, daquela* que aparecerão, nos próximos parágrafos, naturalmente, já mostram a proximidade ou a distância em relação às pessoas do discurso, primeira e terceira. Elas ocorrem porque ora temos a narração em terceira pessoa, ora as personagens tomam voz e, daí, passam a representar a realidade temporal e espacial a partir do seu próprio referencial. Usamos, então, o demonstrativo de primeira pessoa para apontar o objeto perto do locutor (acidade) e o demonstrativo de terceira pessoa para apontar o objeto longe do locutor ou da personagem Cariba, ou, como prefere dizer Azeredo (2010), fora do âmbito do emissor e do destinatário. Vejamos os casos A:

Cariba acreditou que a demora poderia ser atribuída a algum comboio de carga descarrilado na linha, acidente comum **naquele** trecho da ferrovia.

Várias vezes voltou a cabeça, procurando fixar bem a paisagem que deixava para trás. Tinha o pressentimento de que não regressaria por **aquele** caminho.

– Que cidade é **esta**? – perguntou, esforçando-se para dar às palavras o máximo de cordialidade.

A uns, o estranho fizera indagações de pouca importância: “**Esta** cidade é nova ou velha?”

– Já temos vadios de sobra **nesta** localidade.

Quando ela se despede – o corpo tenso, o suor porejando na testa – Cariba sente o imenso poder **daquela** prisão.

– Não. Ainda é você a única pessoa que faz perguntas **nesta** cidade.

Cláudio Brandão traz-nos outras classes gramaticais para compor o cenário dêitico, o artigo *o* mais o pronome indefinido: *o outro*. Ele aponta o uso do *o outro* como um discriminativo e *o, a* como demonstrativos, quando: a) seguidos de oração relativa: “acharam-me os que me não buscavam” e b) seguidos de um complemento da preposição *de*: os homens da Europa vão assentados, os da Ásia e da América jazendo (BRANDÃO, p. 226). Celso Cunha, posteriormente, tratará da mesma maneira *o, a* como demonstrativos.

O conto “A Cidade” ajuda-nos a fazer a demonstração de alguns desses elementos. Vejamos as ocorrências B a seguir:

Chamou **o** funcionário **que** examinara as passagens e quis saber se constituía motivo para tanta negligência o fato de ir vazia a composição.

Apanhou as malas e se dispôs a subir **as** íngremes ladeiras **que** o conduziram ao povoado.

– E reconhece este homem como sendo **o** que a abraçou na rua?

Animados, os outros também falaram, repetindo **o que** disseram antes: não reconheciam o prisioneiro, (...)

– Não me lembro do seu rosto, mas **um e outro** são a mesma pessoa.

A novidade em CB (Cláudio Brandão) é a noção do artigo enfático como dêitico. Para ele, *aquele* pode ter valor de artigo enfático, o que refor-

ça a ideia de o artigo ser um demonstrativo enfraquecido. Ex.: “os ladrões que te falo não são *aqueles* miseráveis (*os miseráveis*)” (*Idem*, p. 224). Vejamos os casos C a seguir:

– É **o** homem procurado – disseram ao delegado, um sargento espadado e rude.

– E por que **as** casas dos morros estavam fechadas? – atalhou o desconhecido, agastado com a falta de polidez com que o tratavam.

– Então vocês viram **o** cara e não sabem descrevê-lo, seus idiotas!

Para CC (Celso Cunha) o mesmo só serve como demonstrativo quando tem valor semântico de exato (CUNHA, 2001, p. 342). Observe o exemplo D:

(...) mas deveria ser **o mesmo** indivíduo que lhes perguntara coisas tão estranhas.

Ressaltamos que pode haver outros casos, não exatamente descritos dessa forma na tradição gramatical, porém com valor de demonstrativos quando substituídos por *aqueles*, *aquelas*, etc. Por que não seria possível creditá-los como demonstrativos substitutos? Vejamos estes casos E:

– Venham **os outros** idiotas!

– **As** testemunhas! – gritou o delegado.

À exceção de Viegas, permaneceram todos em silêncio. Ela, fixando os olhos maliciosos no desconhecido, confirmou:

– Sim, **é ele**.

Passamos agora à análise dos dêiticos temporais e espaciais, segundo a visão linguística. Seguindo a ordem proposta aqui, listaremos os casos F que contêm expressões adverbiais temporais:

Percebeu **logo** que tinha pela frente um cretino.

– Isso não lhe podemos revelar **agora**. Poderia prejudicar as investigações.

– A sua coragem pouco nos importa – aparte ou, áspero, o sargento. – Cinjase ao que for interrogado e responda **logo** se conhece este sujeito.

Cariba compreendeu **tardiamente** que a sedução das casinhas brancas fora um ardid para atraí-lo ao vale.

Diz tratar-se de elemento altamente perigoso, identificável pelo mau hábito de fazer perguntas e que estaria **hoje** neste lugar.

Cheguei aqui há poucas horas e as testemunhas afirmam que me viram, pela primeira vez, **na semana passada!**

– Alguém fez **hoje** alguma pergunta?

As bases teóricas desenvolvidas neste trabalho, de uma forma geral, concordam que as expressões adverbiais *logo, agora, logo, tardiamente, na semana passada, hoje* citadas acima expressam a função dêitica no discurso, pois assinalam referências temporais a partir do presente da enunciação. O tempo presente, o *agora*, é reinventado a cada ato de fala das personagens e essas expressões representam essa ação.

Contudo, as expressões G listadas a seguir revelam um marco temporal construído no texto e não em relação ao presente da enunciação na narrativa. Sendo assim, estamos diante de um sistema enuncivo e não enunciativo. Analisemos as expressões G:

– Quis fugir, porém ele me agarrou pelos pulsos e perguntou: “Como vai seu pai? **Ainda** mora com as tias velhas?”.

– O comunicado do setor de segurança é claro e diz textualmente: “O homem chegará **dia 15**, isto é, **hoje**, e pode ser reconhecido (...)”

**Cinco meses após a sua detenção**, ele não mais espera sair da cadeia. Das suas grades, observa os homens que passam na rua. Mal o encaram, amedrontados, apressam o passo.

**Dois horas se passaram** até que chegasse a mulher. Entrou desembaraçada, (...)

**Durante todo o percurso**, desde as vias secundárias à avenida principal, os moradores do lugar observaram Cariba com desconfiança.

*Ainda, dia 15, hoje, cinco meses após a sua detenção, duas horas se passaram* são expressões adverbiais que relembram acontecimentos, momentos, datas fixadas de eventos marcados no tempo da memória narrativa das personagens, isto é, as personagens articulam fatos passados sobre outros fatos, referem-se a um tempo demarcado no enunciado e não ao momento presente do ato de fala no enunciado. Nesse caso, as expressões perdem qualidade dêitica.

A expressão dêitica *durante todo o percurso* encerra duas noções: a de tempo e a discursiva. Ela focaliza a atenção do interlocutor para o “per-

curso” da personagem, uma expressão resumitiva que direciona a atenção do leitor para uma parte do discurso, e, ao mesmo tempo, aponta para um tempo linguístico construído no discurso do narrador. Embora a expressão aparente ser enunciativa, traz a ambiguidade da função dêitica discursiva.

O grupo de exemplos A e o próximo grupo de exemplos H carregam demonstrativos e expressões adverbiais de lugar de qualidade dêitica. Essas expressões estão de acordo com o tempo linguístico do presente da enunciação. As expressões do grupo H, *na antepenúltima estação, lá embaixo, nesta localidade, aqui, do topo da montanha, neste lugar, aqui* são adjuntos adverbiais que instituem o momento presente da enunciação tanto do narrador, quanto da personagem. O espaço-tempo é constituído especialmente para o presente enunciativo da narrativa.

Destinava-se a uma cidade maior, mas o trem permaneceu indefinidamente **na antepenúltima estação**.

Desceu vagorosamente. Os homens (e por que não as belas mulheres?) deveriam encontrar-se **lá embaixo**.

– Já temos vadios de sobra **nesta** localidade. O que veio fazer **aqui**? – perguntou o policial.

Caminhou um pouco mais e, **do topo da montanha**, avistou a cidade, tão grande quanto a que buscava.

Diz tratar-se de elemento altamente perigoso, identificável pelo mau hábito de fazer perguntas e que estaria hoje **neste** lugar.

– Nada disso faz sentido. Não podem me prender com base no que acabo de ouvir. Cheguei **aqui** há poucas horas e as testemunhas afirmam (...)

A boa quantidade de demonstrativos e outros dêiticos espaciais, neste conto, remonta-nos à ideia hipotética (sobre o motivo da escolha do *corpus*) de que o texto de realismo fantástico é uma fonte produtiva para esta análise e que neste caso fizeram diferença e contribuíram para os sentidos do insólito. Contudo, não podemos afirmar por ora que os dêiticos funcionam apenas para dar o sentido do insólito na literatura de Rubião, seria necessário mais *corpus*. Constatamos também que o sistema de enunciação em que funcionam os dêiticos não depende exclusivamente de um tipo de terreno insólito, pois espaço e tempo linguísticos reinventam-se a todo instante em uma narrativa, sendo ela realista ou fantástica. Tomemos o exemplo do grupo H – pelo mau hábito de fazer perguntas e que estaria hoje *neste* lugar – podemos afirmar então que o demonstrativo *neste* contribui para

a construção do universo de tempo-espço dêitico em si não é fixa, nem exata. E, de uma certa maneira, essas reiterações constantes dos enunciadores das relações de inexatidão tempo-espço-lugar apontam-nos para uma hipótese de que o objeto de análise tenha sido eficaz para começarmos a perceber a construção do universo insólito.

## 8. Conclusão

Inicialmente pensamos que o fator Literatura Fantástica seria imprescindível para encontrarmos o lugar da dêixis no discurso do narrador e das personagens de Murilo Rubião. De fato, a escolha do texto de Rubião nos conferiu uma boa quantidade de dêiticos, mas, por enquanto, não podemos afirmar que os dêiticos sejam imprescindíveis para refletir em sua totalidade os sentidos do insólito. Esta análise, na realidade, abriu-nos para pensar na hipótese de que a Literatura Realista Fantástica de Rubião ou a própria Literatura Fantástica são um caminho especialmente fértil para a leitura dos dêiticos, pois muitas das relações referenciais dizem respeito ao universo de referências incomuns, enigmáticas e externas ao texto, assim como creditamos à escolha do *corpus* essa característica.

Para um trabalho posterior, portanto, é possível ampliar a análise estilística de incidência tópica dos dêiticos e verificar se eles, de fato, são elementos intrínsecos e imprescindíveis para a construção dos sentidos insólitos na Literatura de Rubião e de outros autores do Fantástico.

Contudo, consciente ou inconscientemente, o autor do texto lançou mão de uma quantidade significativa de dêiticos espaciais, o que está de acordo com o tema de “A cidade”, numa desconhecida cidade e o constante movimento da personagem em querer saber sua localização e referências palpáveis daquela cidade, objetivo não realizado na narrativa. Por isso, do ponto de vista do uso estilístico e do ponto de vista do uso da língua escrita no PB, demonstrativos e expressões adverbiais de localização espacial, nos grupos de exemplos A e H, trouxeram formas abundantes para esses usos.

Do ponto de vista da análise linguística, os elementos dêiticos trouxeram a esta análise novas formas de se olhar para o texto escrito como fonte de abordagem do fenômeno dêitico, já que é mais comum encontramos exemplos na língua falada, por se tratar da matéria dos estudos da enunciação. Foi notável, por isso, o número significativo de exemplos de dêiticos presentes nas falas das personagens em discurso direto. No corpo

do texto, apareceram em torno de dezoito exemplos dessas ocorrências.

De forma geral, o tom do discurso narrativo fantástico e a escolha estilístico-temática do autor contribuíram para o objetivo descritivo deste trabalho, na medida em que a função dêitica se revela no fluxo do tempo e do espaço inconstantes, de referências que se apresentam conforme tempo e espaço novos a cada interpretação desses lugares descritos pelas personagens.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. Macunaíma: O herói sem nenhum caráter. Disponível em: <http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/1031/1/Macuna%C3%ADma.pdf> na data de 06/08/2017.

ANDRADE, Oswald. Canto de Regresso a Pátria. In: *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BRANDÃO, C. *Sintaxe clássica portuguesa*. Imprensa da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1963. Disponível em 04/08/2017: <http://docslide.com.br/documents/sintaxe-classica-portuguesa-claudio-brandao-1963.html>

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. A dêixis discursiva. In: *Rev. de Letras*, n. 22, Vol. 1/2 – jan/dez. 2000. Disponível em 04/08/2017: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl22Art06.pdf>

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3. ed. 2001.

DUJARDIN, Edouard. *A canção dos loureiros*, São Paulo, Globo, 1989.

LOZANO, Jorge *et al.* *Análise do discurso: por uma semiótica da interação textual*. São Paulo: Littera Mundi, 2002.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. A dêixis. In: *Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido/ Gustavo Adolfo Pinheiro da Silva – Rio de Janeiro: Enelivros, 2005.*